

14210 - Gênero e Agroecologia: resignificando o papel da mulher agricultora nos espaços públicos e privados

Gender and Agroecology: redefining the role of women farmers in public and private

LADEIRA, Priscila Daniele¹; FEITAL, Auxiliadora Aparecida²; CARDOSO, Elisabeth Maria³; NETO, Antônio Augusto Lopes⁴

1 Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, priscila@ctazm.org.br; 2 Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, dora@ctazm.org.br; 3 Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, beth@ctazm.org.br; 4 Universidade Federal de Viçosa, gutoufv@yahoo.com.br

Resumo

Nos últimos anos cada vez mais famílias agricultoras da Zona da Mata de Minas Gerais vem estabelecendo novas relações com a natureza, transformando a forma de plantar e de viver desenvolvendo uma maneira sustentável de cultivar a terra. A esta nova maneira damos o nome de Agroecologia. O presente trabalho visa analisar como as novas relações estabelecidas com a natureza, a partir da agroecologia, influenciam a organização familiar e a atuação das mulheres agricultoras nos espaços públicos e privados. É a busca pela compreensão destes questionamentos que justificam a relevância deste trabalho. Usou-se como metodologia a análise de relatórios de visitas às famílias agricultoras em processo de transição agroecológica e listas de presença das assembleias dos Sindicatos de Trabalhadora/es Rurais. É preciso entender como as relações sociais e o modelo de família influencia as conquistas das mulheres e como a ausência delas em espaços públicos pode comprometer novas conquistas.

Palavras-chave: Mulheres; relações sociais; família; transformação; conquistas

Abstract: In recent years more and more farming families in the Zona da Mata of Minas Gerais has established new relationships with nature, transforming the way of life of plant and developing a sustainable way to cultivate the land. In this new way we call Agroecology. This study aims to analyze how new relationships established with nature, from agroecology, influencing family organization and the performance of women farmers in public and private spaces. It is the quest for understanding these questions that justify the relevance of this work. It was used as a methodology to analyze reports of visits to farming families in transition agroecological and attendance lists of meetings of Trade Unions Worker / s Rural. You need to understand how social relationships and family model influences the achievements of women and how their absence in public spaces can commit new achievements.

Keywords: Women; social relations; family; transformation; achievements

Introdução

A Zona da Mata mineira é uma região com diversas experiências agroecológicas. Existem aqui centenas de famílias que sobrevivem da agricultura e que nos últimos anos vem adotando em suas propriedades a agroecologia como prática. A agroecologia é uma ciência com princípios diferenciados e técnicas sustentáveis para a agricultura.

O universo rural, alicerçado no casal, no modelo de família patriarcal é muito hierarquizado. Sendo assim observamos uma rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. Ao homem são atribuídas as tarefas do trabalho da terra e as transações do mercado. Já à mulher cabe a responsabilidade de cuidar da casa, da criação de animais e o entorno como o quintal e a horta (PERROT, 2012).

O caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia traz experiências apontando que muitas vezes são as mulheres que iniciam a “conversão” da propriedade para sistemas sustentáveis e agroecológicos. Percebemos que elas envolvem-se expressivamente em diversas experiências de práticas agroecológicas nas propriedades da agricultura familiar. Sendo assim, supõe-se que elas também deveriam estar presentes nas diversas instâncias do movimento agroecológico. (A.N.A 2008). Contudo não é isso que acontece na prática, devido ao fato de que, historicamente, as mulheres ocupam, majoritariamente, apenas o espaço privado, sendo os homens os “porta-vozes” de todas as experiências agroecológicas, contribuindo, portanto, para a invisibilidade do trabalho da mulher no campo. É preciso buscar formas de valorizar as práticas das mulheres, tornar visível este trabalho e incentivar a participação deste público nos espaços de discussão, debate e gestão de programas e políticas voltadas para a agricultura familiar agroecológica. Um importante espaço de debate são os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR's), onde, normativamente seu corpo deve ser constituído por 30% de mulheres associadas, assim como, na constituição da sua diretoria.

É importante refletir como o modelo de família patriarcal é reproduzido nas organizações, o que muitas vezes se expressa pela ausência ou pelo silêncio das mulheres nestas instituições. O presente trabalho visa fazer uma breve análise de como as novas relações estabelecidas com a natureza, a partir da agroecologia, influenciam a organização familiar e a atuação das mulheres agricultoras nos espaços públicos e privados.

Metodologia

Utilizou-se como metodologia a análise documental. Foram analisados os relatórios produzidos nas visitas de intercâmbios realizadas pelo Programa de Formação Mulheres e Agroecologia (PFMA), do Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata – CTA-ZM, entre os anos de 2009 a 2011, nos municípios de Acaiaca, Araponga, Divino, Ervália, Espera Feliz, Guidoal e Paula Cândido. Nestes relatórios encontramos o depoimento de quatorze famílias coletados em visitas de intercâmbio.

O intercâmbio é uma metodologia participativa utilizada pelo CTA-ZM em diversas atividades. Consiste em visita a uma propriedade a fim de conhecer a história da família e como se dá o processo de transição agroecológica. São conhecidas as experiências práticas de agroecologia, como por exemplo, o manejo do solo, controle biológico, utilização de caldas naturais, criação animal, comercialização, entre outros. Em um clima de descontração o casal conta como se dá a relação na família e como é o cotidiano de trabalho das mulheres e dos homens na propriedade. Toda essa entrevista é relatada, e foram elas que subsidiaram o presente trabalho.

Outro importante instrumento analisado foram as listas de presença das assembléias ordinárias dos STR's entre os anos de 2009 a 2011 e o número de mulheres associadas a estes sindicatos. Nelas pudemos verificar a participação das mulheres em espaços públicos e em momentos de decisão.

A partir destes dois documentos fizemos uma análise comparativa entre ambos buscando compreender o que eles revelam sobre a ocupação das agricultoras nos espaços privados e públicos a partir das relações sociais estabelecidas na família agricultora que pratica a agroecologia.

Resultados e discussões

Das quatorze famílias visitadas, onze estão estruturadas no modelo nuclear patriarcal, ou seja, as famílias são constituídas de pai, mãe e filhas e filhos solteiros. Estas famílias chamaremos de grupo 1. As outras três famílias possuem uma configuração diferenciada. Uma delas é formada pelo pai, mãe, filha solteira e neta; outra por mãe e filha; e outra pela mãe (a matriarca), as duas filhas divorciadas, os netos e o filho caçula ainda solteiro. Estas famílias chamaremos de grupo 2.

Nas famílias de modelo patriarcal e nuclear observamos uma forte divisão sexual do trabalho. Existem espaços e funções bem delimitados. Às mulheres é delegado predominantemente o trabalho doméstico, apesar de todas estarem presentes em outros espaços da propriedade como horta, quintal e lavoura. Aos homens ficam as tarefas da lavoura, os trabalhos “mais pesados” e a administração dos recursos, ou seja, são eles que fazem o controle da comercialização, ficando responsáveis pela renda da propriedade.

Apenas duas famílias do grupo 1 declarou haver uma divisão um pouco mais igualitária dos trabalhos domésticos. Contudo esta divisão acontece quando há necessidade:

eu faço o serviço da casa, mas quando preciso meu marido me ajuda, porque as crianças dão muito trabalho. (Agricultora de Acaiaca)

Ainda no grupo 1 observamos que, em relação à renda da família, cada pessoa recebe pelo valor do seu trabalho, contudo é o homem quem faz essa divisão. As filhas e filhos solteiros recebem o que alguns chamaram de “mesada no fim de semana”. Considerando as decisões relacionadas à propriedade, ou seja, ao bem comum da família, em apenas 5 famílias acontecem em conjunto, geralmente é o homem quem decide o que vai ser plantado, de que maneira, quando e como será comercializado:

Você tem força de coerção para mudar alguma decisão do F.?
Não, se ele quiser fazer ele faz, mas meu cunhado pensa como eu daí ele conversa com o F. (Agricultora de Espera Feliz)

Outro importante dado e que deve ser citado é a forma com que os casais se uniram. Alguns casamentos não tiveram a aprovação dos pais, o que causou muitas brigas na família e “fuxicos” na comunidade, denegrindo, por vezes, a imagem da mulher. Em outros, foi imposto ao casal em quanto tempo deveria casar-se, e não é necessário citar que os namoros eram todos debaixo da vigia do pai ou do irmão, figuras responsáveis por zelar pela “honra” da família.

Em relação à participação das mulheres nos STR's identificamos que em apenas dois sindicatos elas ultrapassam a barreira dos 50%. Em um deles há um total de 500 associadas/os ativas/os, deste total 300 são mulheres, o que representa 60% do quadro de associados. No STR de Acaiaca há que registrar que a presença das mulheres nas assembleias ordinárias também é majoritária. Em 2009, elas representaram 60,3%, em 2010 59,5% e em 2011 68,6%. Destacamos que em Acaiaca a configuração familiar é diferenciada, geralmente as mulheres são divorciadas ou seus maridos trabalham durante a semana em outra cidade, ficando a cargo delas toda administração da propriedade, são elas quem dominam os processos de produção e comercialização dos produtos. Já no STR em que as mulheres representam 51,4% dos associados, no momento das assembleias ordinárias elas não ultrapassam aos 37% de participação. Nos demais sindicatos as mulheres representam em torno de 45% dos associados.

Conclusões

A partir dos resultados desta pesquisa apontamos que o modelo de família patriarcal é predominante no meio rural da Zona da Mata de MG. Sabemos que ao longo da história a família patriarcal tinha, e ainda tem por obrigação manter a “ordem das coisas”, o homem domina o espaço público e a mulher o espaço privado. Esta configuração contribui pouco para o processo de emancipação e autonomia das mulheres. As experiências de mulheres que lutaram pelos seus direitos nos demonstram que antes de ir para o espaço público elas tiveram que romper com a estrutura familiar, “a ordem das coisas”.

É necessário refletir sobre as implicações deste modelo familiar para a construção da autonomia das mulheres e como isso se relaciona com as práticas agroecológicas das propriedades.

Nas famílias de modelo patriarcal, identificadas nesta pesquisa, a incidência das mulheres em espaços públicos é rara, e muitas afirmam ter preferência pelo espaço privado, ou seja, preferem ficar em casa.

Em alguns momentos elas afirmam que falta tempo para participar de reuniões nos sindicatos, nas atividades das Comissões Municipais de Mulheres ou em outras ações de âmbito público.

Todas as mulheres pertencentes ao grupo 2 participam ativamente de movimentos sociais, tendo como bandeira de luta a ampliação da agroecologia e a autonomia das mulheres. Neste sentido, destacamos a atuação das mesmas nos STR's, nas Associações e nas Comissão de Mulheres. Nestas famílias observamos valores de solidariedade e respeito à natureza e aos seres humanos. As relações sociais estabelecidas levam em consideração a liberdade das mulheres, a luta e conquistas das mesmas.

Todas as propriedades visitadas foram escolhidas pelas próprias participantes do PFMA por serem propriedades referência no processo de transição agroecológica. Nestas propriedades foi observado uma forte relação de amor e respeito para com a terra, não uso de agrotóxico e uma grande diversidade na produção. Contudo as relações sociais estabelecidas nas famílias reafirmam o papel social da mulher

apenas no âmbito doméstico. Isso nos faz repensar nossa prática enquanto construtora/es e divulgadora/es da agroecologia. Pois, se temos a agroecologia, enquanto filosofia de vida, que busca construir um mundo melhor para todas e todos, isso passa pelas relações estabelecidas com a terra, com o processo de produção e comercialização dos alimentos, com os bichos e plantas, e, principalmente, com as pessoas, especialmente as mulheres. A luta da agroecologia deve ser também a luta pela igualdade de gênero, a luta pelo respeito e não violência contra as mulheres, a luta pela liberdade e autonomia das mesmas, a luta pelo direito de vez e voz no espaço público e a luta pela reconstrução de novas relações sociais no espaço privado.

Agradecimentos

Agradecemos às quatorze famílias que nos acolheram carinhosamente em suas propriedades, relataram suas histórias de vida e fizeram essa pesquisa possível.

Aos STR's dos sete municípios onde aconteceu o PFMA e que gentilmente nos cederam as informações solicitadas.

Aos CTA-ZM, especialmente às técnicas do projeto Mulheres e Agroecologia que lutam para que este debate seja sempre pulsante na instituição e em todos os espaços de atuação.

Referências bibliográficas:

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Ed Contexto, 2012.

ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROCEOLOGIA. Mulheres construindo a agroecologia. **Caderno do II Encontro Nacional de Agroecologia**. Rio de Janeiro 2008.